

BRASIL - PORTUGAL

16 DE JANEIRO DE 1907

N.º 192

Abertura das Côrtes

2-1-907



S. A. o Principe Real, tenente porta estandarte de lanceiros 2

Lavores femininos

A exposição do dia 5

Foi no palácio do conde de Magalhães a interessante exposição de que damos alguns aspectos colhidos pela photographia, e promoveu-a um grupo de senhoras, que não se pouparam a esforços para que o certamen fosse lúcido. Aqui deixamos archivados os seus nomes:

Marqueza de Rio Maior, condessa de Sabugosa, D. Catharina de Sousa Coutinho, D. Leocadia Sant'Anna e Vasconcellos, condessa de Carvalho, condessa da Ribeira (D. Maria da Pureza), D. Maria Joaquina Saldanha da Gama, D. Carlota de Faria Campos, D. Maria Emilia da Cunha e D. Maria do Carmo da Cunha.

Bordados primorosos, aguarellas, rendas, trabalhos de paciencia, desenhos, leques, aguarellas, porcelanas imitando Sèvres, alfaias religiosas, almofadas, uma infinidade de pequenos lavores, tudo disposto com arte e bom gosto—tal foi a exposição que nos revelou nomes de artistas de valor, muitos d'elles perdidos no anonymato dos varios collegios de Lisboa e Porto.



Aspecto da exposição

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

XIX

O «Brasil Portugal» entra no 9.º anno de publicação. A proposito: os esforços, os trabalhos e as energias que se dispendem na manutenção de uma empresa d'esta ordem. A sympathia dos publicos portuguez e brasileiro. Saudação.—Abertura de côrtes. Os projectos do governo. O falado augmento de vencimentos aos funcionarios. Um trecho das «Favaz contadas».

Termina com o presente numero o seu 8.º anno de publicação o *Brasil-Portugal*.

Esta phrase, que aparentemente parece uma banalidade, representa, contudo, um facto importante nos annos da editoria portugueza. Porque, até hoje, nenhuma publicação com a índole d'esta revista vingou atravessar tão longa vida. Nenhuma, que nos lembre. Todas, naufragaram nos mil e um recifes d'estas revoltas aguas da publicidade, nas quaes a poucos é dado singrar com exito em demanda do porto de salvação.

Quantos esforços, quantos sacrificios, quanto trabalho, quantas canceiras representam oito annos de existencia de uma revista illustrada n'um paiz que dá para o contingente do analfabetismo uma percentagem de 75?

Que enorme somma de energia, de coragem, de perseverança é necessario dispendir para romper atravez da indifferença quasi geral d'um publico pouco dado ás letras e ás bellas-artes, para estabelecer uma corrente de sympathia em volta de uma publicação d'este genero!

Deus louvado, essa indifferença do publico pelas publicações de caracter litterario e artistico vai desaparecendo, cedendo logar a um acolhimento que dia a dia se vai manifestando mais affectuoso, mais carinhoso mesmo. Ainda assim, a sympathia publica, que deve registrar-se com legitimo orgulho e alegria, não corresponde aos

grandes sacrificios de varias ordens que uma empresa como o *Brasil-Portugal* faz para se manter decorosamente.

Ainda hoje—e Deus sabe por quanto tempo mais—o mercado litterario de Portugal vive do Brasil, quem lhe vale. O livro, a revista, a illustração em Portugal não subsistiriam por falta de expansão. triste é dizel-o, mas a confissão é devida. E quem anima as nossas empresas litterarias, quem lhes permite o desenvolvimento, que por nossa parte temos mantido de anno para anno.

A todos, portuguezes e brasileiros, a quem a empresa do *Brasil-Portugal* está devendo a consolidação d'esta obra em que tem exgo-

tado uma boa parte da sua vida, em que tem empregado importante capital e todo o seu esforço e boa vontade, n'este momento em que contamos mais um anno de publicação, é da mais rudimentar cortezia e indeclinavel dever de gratidão consignar o vivo agradecimento de que nos achamos possuidos todos—da direcção ao último collaborador—pela carinhosa acolhida que tem sido dispensada a esta revista, promettendo corresponder na medida das nossas forças, ao favor sempre crescente dos dois paizes que dão o nome ao jornal que se honra de ter trabalhado incessantemente pelo estreitamento dos laços de fraternidade que os unem.

Que ha de novo?

Nada.

Uma noticia bafienta: abriram as côrtes. A cerimonia realisou-se com a solemnidade costumada, não differindo da dos annos anteriores. Apenas o discurso da corôa abriu uma excepção no ramerrão costumeado: a fala do throno ao contrario das dos annos anteriores, foi curta.

Por ella se soube que o governo insiste em renovar as suas iniciativas, transferindo para esta a apresentação das medidas que promettera para a linda sessão legislativa, á frente das quaes está a odiosa lei de imprensa, actualmente em discussão, e a reforma do regimento da camara dos pares, com a qual, entre outras coisas urgicas, se pretende cercear o direito de discursar largamente, arbitrando um lapso de tempo, que creio ser de cinco quartos d'hora, para cada digno par dizer de sua justiça sobre qualquer assumpto.

A esta singular medida se referiu o sr. Dantas Baracho n'um levantado e eloquente discurso, chamando-lhe *oratoria de contador*. Contra ella protestou o illustre general, declarando que abandonava a camara para não se sujeitar a uma imposição vexatoria, reservando-se o direito de lá voltar quando entenda que assim o exige a causa publica.

Uma das propostas que o governo promete apresentar á sanção parlamentar, e á qual me referi em tempo, é a do augmento de vencimentos aos funcionarios publicos. O fumoso chá do Tolentino fervido sete vezes. Todos os dias veem nos jornaes informações de que a commissão que trata do assumpto vai ver isto, consultar aquillo, fazer contas, apresentar emendas... Já se sabe o que tudo isto significa: protelar o projecto que será relegado para outra sessão e depois para outra e mais outra, até não se pensar mais em tal coisa.

E o pobre funcionario continuará, como até aqui, vivendo a pão e laranja com sobremesa de esperanças, que são alimento pouco substancial.

A proposito, e como não tenho no meu caderno de apontamentos casos que me deem a chronica, vou trasladar para aqui um trecho inédito da minha revista *Favaz contadas*... em scena no theatro



Trabalhos femininos. — O bazar

Avenida, trecho em que verso o assumpto a que acabo de referir-me por forma a não incorrer na excommunhão da policia.

A scena representa o 5.º ceu, onde se acha o Porteiro, nomeado para ali na ultima remodelação dos serviços de fazenda, alim de fiscalisar a entrada dos pretendentes... à Bemaventurança.

MORTUS EST LARICA (entrando, no Porteiro)

V. Ex.ª dá licença?

PORTEIRO

Entre.

LARICA

Para os fins que v. ex.ª tiver por convenientes, tenho a honra de me apresentar a v. ex.ª

PORTEIRO

Muito bem...

LARICA

Passo ás mãos de v. ex.ª a minha certidão d'obito. (Entrega-lhe a certidão.)

PORTEIRO (Passando os olhos pelo papel,

Está em regra.

LARIC

Rogo a v. ex.ª se digne informar-me onde devo ir assignar o ponto.

PORTEIRO

Perdão! Que era vocemecê na terra?

LARICA

Satisfazendo à pergunta de v. ex.ª cabe-me dizer que era ama-



Trabalhos femininos. — Uma aguarella de S. Magestade a Rainha, e renda artistica, premiada na exposição de S. Luiz, trabalho precioso de D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro

nuense da 3.ª secção da 2.ª subdivisão da 4.ª repartição da Direcção Geral dos Proprios Nacionaes.

PORTEIRO

De que morreu?

LARICA

De fome.

PORTEIRO

Vocemecê soffria?

LARICA

Sim senhor. Soffria do estomago.

PORTEIRO

Más digestões.

LARICA

Nem boas, nem más, porque não tinha que digerir. O meu mal era appetite chronico.

PORTEIRO

Não tinha mais nada?

LARICA

Outrosim tinha muito que fazer na repartição todos os dias uteis, tinha cinco filhos em casa, mesmo aos domingos, dias santos e feriados e tinha por mez 14.730.

PORTEIRO

A sua familia não o ajudava?

LARICA

Ajudava, sim sr.: ajudava-me a fingir que comia os 14.730.

PORTEIRO

Os seus filhos não faziam nada?

LARICA

Faziam, sim sr. Aprendiam a canteiro. Já faziam cruces.



Travores femininos. — Paramentos religiosos

PORTEIRO

Ah! Então ganhavam.

LARICA

Não sr., não ganhavam...

PORTEIRO

Vocemecê não disse que elles faziam cruces?

LARICA

Sim sr., faziam cruces na bocca.

PORTEIRO

Morreu de bem com Deus?

LARICA

A gente não estava de mal.

PORTEIRO

Sente-se preso á vida terrena por algum laço?

LARICA

Sinto, sim sr., pelo laço da fome. Soffri tanta em vida a que ainda a sinto depois de morto.

PORTEIRO

Oh homem, com 14.730 não digo que se passe á larga, mas chega para viver.

LARICA

Só comendo cevada e não hade ser muita.

PORTEIRO (enfadado)

Pois comesse cevada! E se não comeu — coma-a! Que tal está!?

LARICA

Se em vida não a pude comer, depois de morto, no sitio em que a gente a costuma trazer, ainda menos.



Travores femininos. — Almofadas

A mulher

Na longa cadeia das gerações, a prepotência dos fortes pôz sempre a mira no monopólio da superioridade intellectual que constitue a verdadeira auctoridade.

Mais implacável nas suas afecções do que nos seus odios, o homem subordinou o destino da companheira da sua vida à satisfação dos interesses que o demoviam, como o senhor que somente educa o escravo n'um sentido d'utilidade ou de prazer.

A educação da mulher, a sua condição, as aptidões que revelava na predisposição do espirito ardente d'aspirações, tudo tinha de seguir o rumo que uma vontade inflexível marcava através das tempestades da vida.

Mas a ideia nova, longo tempo incubada na gestação do progresso, irradiava enfim n'uma onda invasora de luz.

A iniciação da mulher na existencia moral e intellectual de que por tantos seculos fora segregada, trouxe uma serie de conquistas incrementas. Essas, continuando nos nossos dias, hão-de em tempos futuros conglumar-se n'um ideal de ventura que será a apothose do bem.

Ha ainda muitas difficuldades a vencer, mas os obstaculos já transpostos estimulam esperanças affirmando a força perseverante dos lutadores.

Recapitemos.

Nas primeiras epochas da humanidade, a mulher era apenas um corpo. A vida, a liberdade, a vontade não lhe pertenciam. Era



Trabalhos femininos. — Um trecho da sala



Trabalhos femininos. — Venda de sortex

preza do primeiro homem que, no impulso inconsciente d'um capricho, lhe fazia sentir a injustiça da força.

Depois sobrevem a transformação d'aquelle ente passivo em machina viva. Acorrentada à necessidade do trabalho manual, gleba esteril em que não germina uma ideia, a mulher envolve-se contudo na evolução progressiva, e vae caminhando sempre, com lentidão, persistentemente.

Já é útil, já tem um merito.

Mais tarde, quando a aurora da civilisação se desassombra, e cresce no Oriente, a pobre paria recebe na frente os raios da luz que nasce, e prevê que o dia ha-de tambem fazer-se no seu espirito. É escrava mas já tem alma, já sente.

Falta-lhe ainda pensar.

Quando uma nova sociedade se organisa na Grecia, são livres para a mulher os áditos do pensamento, sob a expressa condição d'esquecer a pratica do dever. Aquella que não quizer profanar o coração, tem de renunciar ao desenvolvimento mental, resignando-se a arrastar a vida na obscuridade do gynaeceu.

Mas consola-se e engrandece-se na consciencia da propria dignidade. E quem sabe? olha, talvez, com supremo desdem as fraquezas que se lhe agitam aos pés, no promiscuo revoltear dos vermes asquerosos.

O progresso leva a civilisação da Grecia a Roma, impulsionando-a na sua verdadeira orientação. Ah!, a mulher pode pensar, pode estudar, pode saber sem arremessar a lei da moral à alma das impurezas. Já não se atrophia na morbida isolação dos recessos sombrios. O gynaeceu deixa d'esconder-se no interior da casa. Recebe em cheio a luz que faisca nas scintillações da ideia nova, e patenteia-se aos respeito do homem como a morada do bem.

E, todavia, a injustiça tradicional continuava a estabelecer umas desigualdades deprimentes que o verniz da cortezia masculina dissimulava mal.

Na grande epocha do martyrologio christão, a mulher foi enfim equiparada ao homem, na egualdade do supplicio.

Entrava no circo romano pela fatal porta destinada aos que tinham de sahir sem vida.

Pisando com passo firme a arena já empapada em sangue, passava diante do Cesar sem o saudar como, no seu servilismo sublime, faziam os gladiadores que iam morrer.

Das profundezas do ergastulo subterraneo, monstros da Asia, olphateando os effluvios da carnagem, punham no silencio do assombro rugidos abafados.

Com os olhos no azul e a alma no infinito, ella aguardava, sem desmaiar, o horror da hora tremenda.

Instantes depois, entre as garras das feras, dilacerada mas serena, assignava com a ultima gota de sangue a declaração dos seus direitos: — Viver para o progresso. Morrer por uma ideia.

Um fremito d'inquietação percorria o Olympo marmoreo que sahira, a radiar prestigio, das mãos de Phydias e Praxiteles. E os bellos corpos nus das deusas pagans pareciam crispas-se n'uma contracção de vergonha ante o heroismo das victimas que lhes eram sacrificadas.

Desde então ficou marcado o logar da mulher no progredir incessante das sociedades. A emancipação da sua personalidade está conquistada. Incansavel collaboradora da humanidade, todos os dias irá provando a justiça do seu resgate pela dignidade do trabalho e pela religião da pureza.

BRANCA DE CARVALHO.

Parece que a natureza pôz a mulher ao lado do homem para fortalecer as extremidades da cadeia social — a infancia e a velhice.

B. SAINT PIERRE.



Trabalhos femininos. — Venda de sortex

Monsenhor Julio Tonti

Nuncio de S. Santidade

Não é um desconhecido em Portugal o novo embaixador da Santa Sé. Residindo entre nós durante annos, monsenhor Julio Tonti con-



Monsenhor Julio Tonti

quistou geraes sympathias pela sua afabilidade, pelos seus dotes de intelligencia e pela sua bondade. O paiz recebeu-o agora com demonstrações de affecto e o *Brazil-Portugal* saúda-o cordalmente.

Monsenhor Julio Tonti foi recebido, no ultimo dia do anno que passou, no palacio das Necessidades, com toda a solemnidade, para entrega das suas credenciaes a El-Rei. A objectiva do nosso photographo trouxe-nos os cinco instantaneos que seguem.

Politica internacional

O conflicto entre a camara dos commons e a camara dos lords, que pouco a pouco se foi accentuando desde que o actual governo liberal subiu ao poder em Inglaterra, chegou ao seu periodo agudo com a rejeição em bloco, pelos commons, de todas as emendas introduzidas pelos lords no *bill of Education*.

De facto esta rejeição significa por agora a victoria para a camara atla, visto que o governo teve de desistir do *bill*, que com tanto trabalho conseguira fazer approvar pelos deputados. Mas que vae resultar da situação melindrosa, que assim se abre para o governo? A ultima palavra de sir Henry Campbell-Bannerman n'esta questão foi uma ameaça

formal aos lords. O primeiro ministro, ao fazer saber á camara dos commons que o governo retirava por agora o *bill of Education*, declarou que se havia de encontrar um meio dentro da constituição de fazer prevalecer a vontade do paiz contra a opposição da camara alta. Que meio poderá ser este? A abolição da camara dos pares, como querem os mais radicaes? A sua reforma, transformando-a n'um senado, em que a opinião publica possa influir por meio da eleição ou por qualquer outra fórma? Ou simplesmente uma fornada de novos pares liberaes, que n'este caso tinha de ser uma fornada monstro, visto que a desproporção numerica dos dois partidos na camara alta é enorme?

Qualquer d'estes tres expedientes, embora sejam os naturalmente indicados para se sahir da presente crise, não se apresentam de facil execução no momento actual. Uma campanha a valer capitaneada pelo ministerio contra a camara dos lords, arrisca-se, a não produzir resultado apreciavel algum e portanto a enfraquecer o governo. Já a tentou em tempo Gladstone e foi mal succedido. Ora o que o *Grant Old Man* não pode conseguir, não o alcançará decerto sir Henry Campbell-Bannerman, não obstante os tempos estarem mudados mesmo para a tradicionalista Inglaterra. Resta ainda um recurso. Mas quererá lançar mão d'elle o governo? Esse recurso é a dissolução da actual camara dos commons e a consulta ao paiz para que este se pronuncie no conflicto. Tem, porém, este expediente um duplo perigo. Em primeiro logar arrisca-se a ser completamente inefficaz deixando ficar o governo em posição difficil, porisso que mesmo na hypothese de os collegios eleitoraes condemnarem por uma maioria esmagadora a camara dos lords, se meliante condemnação não passará de um protesto platónico sem consequencias algumas praticas. Em segundo logar, as eleições realisadas n'este momento e com tal motivo, hão-de ter com toda a probabilidade como resultado o reduzir-se quem sabe em que proporções a maioria actual que appoia o gabinete, o que seria um verdadeiro desastre para a causa liberal. Não devemos esquecer, com effeito, que a enorme maioria que o ministerio alcançou em janeiro representou sobretudo um protesto contra o proteccionismo, que era a bandeira com que se apresentaram ao suffragio todos os matizes do conservantismo desde Chamberlain até Balfour. N'uma questão meramente de principios, como a da necessidade de harmonisar a organização da camara alta com os progressos da sociedade ingleza no sentido da democracia, não será facil ao sr Henry Campbell-Bannerman encontrar no paiz a mesma entusiastica adhesão, que ha um anno lhe deu tão estrondosa victoria. Ora qualquer redução da actual maioria seria desde logo explorada pelos conservadores contra o governo, que sem nada poder ganhar com a dissolução se teria voluntariamente enfraquecido.

Vê-se, pois, que o conflicto com a camara dos lords creou ao governo uma situação bastante melindrosa, de que só poderá sahir com muita habilidade. Tera ha sir Henry Campbell-Bannerman, ou consentir-lhe-hão que a tenha os mais intransigentes do partido, que abertamente proclamam a necessidade de ser abolir a camara alta? E' o que se verá dentro em pouco.

A situação em Marrocos, que chegou a produzir graves inquietações e a assustar mesmo os mais optimistas, parece, depois doincidentes dos ultimos dias, dever resolver-se no sentido pacifico. Como se sabe, o perigo de complicações internacionais estava so Bretudo na supposta cumplicidade do



O Nuncio saindo do palacio das Necessidades

Maghzen com o bandido Raisuli, investido pela fraqueza do sultão no governo de Tanger. Se tal cumplicidade fosse um facto, a acção

franco-hespanhola teria de ir mais além do que a principio se julgára necessario e era o desejo de todos. D'ahi o perigo, que a todos apparecia ameaçador. A acção mais intensa das forças combinadas da Hespanha e da França, sobretudo se estas se vissem forçadas a operar no interior, podia quebrar o accordo das potencias, e por outro lado o desembarque das forças europeias, estando o sultão e Raisuli unidos no mesmo pensamento de resistencia á execução das deliberações da conferencia de Algeciras, podia ser o



Entrada do Nuncio para o coche real

signal da guerra religiosa e portanto o inicio de graves acontecimentos. Felizmente a Europa comprehendeu as responsabilidades a que tinha de fazer face no seu proprio interesse. Todas as potencias, sem excepção da Allemanha, pesaram sobre o Maghzen para que sem demora elle se libertasse da cumplicidade, que se lhe attribuia com Raisuli atacando-o com as tropas fieis. Cedendo á pressão collectiva da Europa inteira, o ministro da guerra do sultão, El Guebbas, veiu em pessoa com uma mehalla de tropas imperiaes para castigar o bandido. De principio a lentidão dos seus movimentos, e a hesitação em decidir-se a atacal-o, fizeram renascer as suspeitas de que El Guebbas estava representando uma comedia. Por fim sempre se ordenou o assalto a Zinat, onde Raisuli estava refugiado. A cidade foi destruida, os soldados do aventureiro foram dizimados, aniquilados quasi, e elle proprio teve de fugir para as montanhas, sendo-lhe a cabeça posta a preço pelo ministro da guerra e esperando-se a todo o momento a sua captura.

D'esta maneira desapareceram os sobresaltos dos ultimos dias e a situação voltou ou voltará em breve a ser normal. Unida a Europa para fazer cumprir as de liberações de Algeciras, vencido o Raisuli, submettido o sultão ou os que na cõrte sherifiana o animavam á resistencia, e por consequencia afastado o perigo de uma guerra religiosa contra os europeus, nada impedirá agora que a paz se estabeleça no imperio marroquino, sob a egide das potencias europeias, principaes interessadas no renascimento do riquissimo territorio que tudo tem a lucrar em se deixar penetrar pela civilização occidental.

..

A situação da Russia, que nos ultimos tempos parecia denunciar certa tendencia para a acalmção, aggravou-se outra vez extraordinariamente. O governo continua impotente para dominar a anarchia, que lavra por todo o imperio, e o partido reaccionario não cessa por todos os modos de provocar as represalias dos partidos extremos. O que Stolypin, ou os que em seu nome estão dirigindo o primeiro ministro, teem feito para faisear o acto eleitoral, que dentro em pouco mais de um mez vae realisar-se, é simplesmente inacreditavel. Ficam a perder de vista as violencias que se commetteram antes da eleição da primeira Duma. O governo redobra de esforços para que a nova Duma se mostre accomodaticia, e não hesita em prender, deportar, executar, mesmo sem formalidades legais, os que elle imagina que o podem contrariar.

E' um horror. Os conselhos de guerra provinciaes trabalham dia e noite, como se tivessem pressa de acabar a sua funebre tarefa, e aos infames carrascos, que o governo por sinistra irrisão condecorou com o titulo de juizes, nada escapa na furia de matar, de que estão possuidos. . . E como se tudo isto não bastasse, ainda o senado a collaborar n'esta obra de exterminio vae eliminando por successivas restricções nas listas eleitoraes, todos os que com uma relativa independencia podiam exercer o direito do suffragio! Que

admira, pois, n'estas circumstancias que o partido socialista revolucionario tenha decidido quasi que por unanimidade recommear com os processos terroristas, aos quaes apenas no futuro vae confiar a salvação da liberdade e da patria? Por muito odiosos que sejam esses processos, que ninguem a sangue frio pôde justificar, são elles a consequencia fatal das perseguições do governo e da resistencia do tsar em conceder aquillo a que solememente se tinha compromettido. Já até entre os reaccionarios muitos começam a comprehendel-o assim. N'este duello de morte travado entre os revolucionarios e a autocracia principia-se a perceber que a victoria não pertencerá a esta ultima. Um dos dois adversarios tem de ficar aniquilado, mas pelo caminho que as cousas vão levando tudo leva a crer que será a reacção quem baqueará. Para que se veja que não eram vãs palavras as decisões tomadas pelos revolucionarios, iniciou-se a nova serie das execuções politicas com a morte, apenas a poucos dias de intervalo, de tres dos mais eminentes vultos do partido reaccionario: o conde Ignatieff, o barão de Lantz, prefeito da policia de S. Petersburgo e o general Pawlow, procurador dos tribunaes militares do imperio, isto sem contar com o assassinato de grande numero de personalidades subalternas, mas egualmente odiosas aos partidos extremos. Onde e quando parará esta loucura de sangue? Quem se cançará primeiro, o carrasco a matar em nome do governo ou o terrorista a matar em nome da liberdade? E sobretudo, por quanto tempo ainda estará o mundo civilisado a contemplar, de braços cruzados, esta bacchanal da morte?...

CONSIGLIERI PEDROSO.

A condessa Mahaut

As coincidencias teem, ás vezes, para a critica historica uma importancia decisiva, e tanta que suprem os documentos ou os explicam luminosamente.

No mesmo anno, quasi no mesmo tempo em que a Condessa viuva de Flandres fazia o seu segundo noivado com o gordo Duque de Borgonha, dispunha-se o Rei de França a saltar os dominios de Ricardo, o *Coração de Leão*, seu aliado da vespera, traiçoeiramente encarcerado na Austria á volta da cruzada.

Porque pensara estimular as velhas pretensões dinamarquezas á corõa de Inglaterra, Philippe Augusto negociara obscuramente o seu casamento com Ingeburgia, a irmã de Canuto VI, e não tendo podido descartar-se do compromisso, recebera, em Amiens, com toda a ostentação realenga, a princeza dana, moça e formosa, que na vacancia do throno inglez, se como contara e diligenciara não voltasse a elle Ricardo, lhe serviria de reforçar as proprias pretensões.

Tendo, porém, encontrado mais pratico e expedito auxilio na



Á porta da Nunciatura

traição do futuro João Sem Terra, o irmão do proprio Rei inglez:— repudiava grosseiramente Ingeburgia na semana seguinte á boda, enclausurando-a na abbadia de Cisoing, e fazendo, sem detença, confirmar o divorcio indecente por uma curia servil e corrupta de barões e de bispos reunidos em Compiègne sob a presidencia do proprio tio, Guilherme, o das mãos brancas, arcebispo de Reims, uma das mais escuras consciencias da sua tortuosa politica.

Historia conhecida e soffriavelmente liquidada.

O escândalo protrau-se e agravou-se longamente, como é sabido.

Solicitada do lado da Dania e do lado da própria França honesta e devota, Roma, o supremo poder moderador da brutalidade do tempo que aliás não poucas vezes parecia antes symbolical-o n'outros divorcios, interviu, a princípio hesitante e branda, depois irritada e colérica.

Mas as suas advertências, as suas rogativas, as suas comminações, eram desattendidas, e Filipe Augusto repellido em novas



Em flagrante. — No dia da recepção do Nuncio nas Necessidades. Os Príncipes à janella do rez do chão.

tentativas matrimoniaes atabalhoadamente ensaiadas, acabou por consorciar-se com Ignez de Merania, filha de um obscuro corteão, de mais em mais vexando e opprimindo a pobre esposa e Rainha legitima.

Devotado inteiramente ao Rei, o Duque de Borgonha pozera-se do seu lado na questão. Constituiu-se, até, n'um dos seus mais ostentosos campeões e agentes.

Não discutia, não desculpava, não se retraiu e abstinha, n'uma passividade tímida e hypocrita como os bispos.

Servia, auxiliava, antepunha-se, affrontando as intimações de Roma e os escrúpulos e terrores das consciencias conturbadas, n'uma subservencia soberba e estúpida ao monarcha bigamo.

Porventura a idéa de com o favor d'elle e pelo seu casamento com a viuva de Filipe de Alsacia, poder expoliar um dia os Balduinos do Hainaut, do senhorio de Flandres, ruminava no fundo atavico de salteador do orgulhoso herdeiro de Roberto, o Velho, e de Eudo, o Ruivo.

Evidentemente não conhecia a mulher, o que não admira quando tão pouco esperto parece em se fiar cegamente no Suzerano.

Por fins de março de 1195, dois emissarios pontificios, — André, velho chanceler do rei Canuto, e Guilherme, abade de S. Thomaz do Paraclete, — entravam na Borgonha, trazendo ao Rei, ao arcebispo de Reims, ao Legado romano, cartas em que Celestino III intimava peremptoriamente a annullação do escandaloso repudio.

Passando por Dijon, caminho da côrte franceza, esposou-se d'elles e das cartas, o Duque, lançando-os n'uma enxovia.

A bruta violencia, simultaneamente injuridica e sacrilega para as idéas do tempo, perturbou fundamente a côrte ducal, e não seria a piedade da nova Duqueza a que menos se ressentisse.

Cedendo um pouco ás queixas e solicitações que o importunaram logo, Eudo III annuiu a entregar os prisioneiros á guarda do mosteiro de Clavalle, com reserva, porém, de ulterior resolução do Rei.

Previdentemente os dois emissarios tinham conserva do copias das bulas pontificias, e poderam fazel-as chegar ás mãos do Legado, o Cardeal Meitor.

Não é nada improvavel que lhes valesse, de qualquer maneira, a mulher do duque, — a Infanta portugueza, — cujas relações e influencias no celebre mosteiro são indubitaveis.

O que é certo é que o gordo Senhor, desconfiado e colérico, transferiu d'alli os enviados, encerrando-os no seu forte castello solarengo de Chantillon sur-Seine, onde lhes ficariam mais seguros e á mão, mais longe, em todo o caso, das influencias flamengas. A Duqueza não parece ter-se afastado muito das suas terras, mesmo depois de casada, nem trocado pelo solar ducal as suas dilectas residencias na Flandres.

Além de que os dois prisioneiros tinham estudado e vivido por muito tempo em França, e conheciam a Condessa-Rainha, a notoria e activa devoção d'ella á Egreja, que talvez lhe tivesse faci-

litado, até, o segundo casamento com o primo, e a propria passagem d'elles pela Borgonha, suggerem naturalmente a idéa de que não tivessem esquecido munir-se de alguma especial recommendação para a poderosa Senhora.

A devoção de D. Thereza, á sua dignidade de mulher intelligente e activa, á propria prosapia realenga que nunca declinara, deveriam repugnar, por igual, o proceder desalmado do Rei e a subservencia sacrilega do marido.

E' provavel que conhecesse Ingeburgia cuja fama de formosura e de virtude se acrisolava na situação notoria de miseria e de oppressão em que Filipe Augusto a conservava; — teria tido occasião, até, de relacionar-se com a regia familia e côrte da Dinamarca em vida e no governo do primeiro marido.

Um sobrinho ou parente do Rei Canuto viera a Portugal na expedição dano-frisia-flamenga que ajudara o nosso D. Sancho a tomar Alvor, e fôra naturalmente encontrar-se com Filipe de Alsacia sob as muralhas de S. João de Acre.

Mais tarde encontraremos ainda vestigio provavel d'essas relações no casamento de uma sobrinha de D. Thereza, — outra Infanta portugueza, — com o proprio irmão de Ingeburgia e de Canuto, o successor d'este.

Por outro lado, tendo procurado no Duque de Borgonha, ou tendo se resignado a acceitalo como necessario auxilio e reforço de resistencia e de defeza na situação afflictiva e precaria em que a deixara a morte do primeiro marido: talvez logo começasse a vêr em Eudo III um simples e perdido instrumento da Corôa franceza para mais facilmente se apoderar da Flandres; um interesseiro e brutal ambicioso, em summa, do seu bello senhorio dotal e da sua afamada riqueza.

O caso dos emissarios pontificios, presos e expoliados pelo Duque, creava-lhe bruscamente uma situação violenta e nova, tanto ás suas inclinações e habitos de funda religiosidade, como ás tradições e segurança da propria posição e direito senhorial em crise permanente, e agora novamente aguda, pelas tendencias do novo Balduino a desacatar e romper o accordo e partilha de Arras.

Na sua subservencia sem escrúpulos, o marido attraía sobre a Corôa ducal e sobre os proprios dominios a excomunhão e o interdito, e ás difficuldades e perigos que sitiavam já a autoridade, o direito, o prestigio da grande Senhora, do lado da Flandres, vinham agora juntar-se, temerosamente, os da sua forçada participação, como mulher e consocia do Duque, no anathema e na repulsão da Egreja, que retrahindo e perturbando as dedicações, não deixariam tão pouco de armar e açular as cubiças.

De resto: constrangida pelas circumstancias ou pelo Suzerano a desposar o borgonhez, a collisão d'este com o Papa offercia á intelligente e astuta filha de D. Affonso Henriques um ensejo excellento, pratico, decisivo, de se vingar da coacção, desfazendo-se do marido imposto, e de captar a protecção de Roma impondo-se com ella ao Suzerano já bastante embaraçado pela bulha com o Papado.



Chegada do Nuncio ás Necessidades

— Não eram, ella e Eudo III, primos em sexto grau, casados sem dispensa, e até contra bem recentes exemplos de condemnação pontificia?

Havia de lembrar-se que vira a irmã mais velha, Rainha e mãe, expulsa do throno e de junto do berço do filho, á voz implacavel de Roma, por ser, como ella, prima do marido.

E quando pudesse tê-lo esquecido, os proprios emissarios encarcerados pelo Duque poderiam annunciar-lhe já que aquelle mesmo Celestino III que os enviava não hesitava em partir os vinculos de amoroso consorcio que uniam, havia annos no mesmo throno, uma

sobrinha da Condessa-Rainha, — D. Thereza, como ella, — e um primo tambem, e Rei de Leão, como o outro Affonso IX.

O que é hoje apurado e certo é que precisamente por meiado de 1195, quando Eudo III recusa soltar os emissarios pontificios e elle e o Rei affrontam soberbamente as coleras da Igreja e das consciencias revoltas, a Infanta portugueza arreda de si a Corôa e o marido da Borgonha, pondo resolutamente a questào de um immediato divorcio e prestando-se a dar a Philippe Augusto quantas garantias e fianças elle exija com tanto que a separem do gordo Senhor, seu primo em grau canonicamente defezo.

E' até com o Suzerano, e sem vestigios de accordo ou impugnação expressa do marido, que esse divorcio se trata rapidamente por intermedio e julgamento do velhaco e accomodaticio arcebispo de Reims, tio do Rei e do Duque, o mesmo homem do divorcio de Ingeburgia, que porventura veria agora n'esta mediação ensejo de attenuar os ressentimentos pontificios.

Comparando a annuencia da politica desconfiada e arteira do Rei, a Condessa Rainha obriga-se para com Philippe Augusto a não casar de novo sem previa annuencia d'elle, a submeter-se ás condições que elle fixar para a pacificação das reivindicações e discórdias flamengas, a entregar, em determinadas circumstancias, ao Rei, as torres de Douai e a fortaleza de Lecluse.

E sem que se tenha dado com o rasto de outras formalidades e documentos, o divorcio pôde seguramente considerar-se realisado, pouco depois, n'esse mesmo anno de 1195, a dois annos de distancia do consorcio e tão inopinadamente como elle.

Em Poitaise, n'esse anno, o arcebispo de Reims attesta os compromissos da Condessa para com o Rei, desde que se veja separada do marido.

Reportando-se a urna velha chronica, o nosso Caetano de Sousa faz intervir directamente o Papa, e além de que certamente não havia de faltar a sanção pontificia, provavel seria que o proceder do Duque accordasse em Roma a lembrança do vicio canonico do seu casamento com a prima. Mas a conformidade d'ella, até a sua propria iniciativa, parece resaltar evidente das ultimas investigações ensaiadas.

Atravez das escassas e truncadas notas da vida e da politica da filha de D. Affonso Henriques, vago rumor se levanta das historias francezas ácerca das ostentações e prodigalidades luxuosas da formosa portugueza, dando as como origem immediata ou concorrente da sua brusca separação do primo borgonhez.

Esse mesmo rumor hostile hade acompanhá-la em novos successos na tradição ora suspeita, ora inconsistente, do resto da sua singular existencia.

E' muito provavel que o luxo e a riqueza da sua casa, os habitos e condições de grandeza, de opulencia da côrte de Philippe de Alsacia, em summa: as superioridades irrecusaveis de vida e de cultura da Flandres, so declinar o seculo XI, contrastassem extraordinariamente com a situação geral da Borgonha, e em especial com a da côrte e feudalidade borgonheza, empobrecidas, attribuidas pelas minguas e usuras resultantes de bem diferente desenvolvimento historico, de bem diversas condições naturaes e sociaes do paiz.

Ainda, porém, quando se não tivesse descoberto insuspeito e decisivo testemunho de que o divorcio fôra vivamente desejado e resolvido, não pelo gordo Duque pobretão e endividado, mas pela opulenta Senhora que exactamente lhe trouxera a fortuna; — descotada, mesmo, a luminosa indicição das coincidencias historicas de que o facto é, a bem dizer, simples e necessario corollario, — um confronto attento, um exame reflectido e sereno da situação e do caracter dos dois personagens, das circumstancias e dos acontecimentos que os envolvem e acompanham, desauthorisaria irremissivelmente a lenda como tantas outras inquinada de parcialidade contra o papel que a Condessa Mathilde teve de representar na historia da expansão e da unidade franceza.

Como ficou dito, é Philippe Augusto quem principalmente figura e se impõe na separação; é elle que se acautelia e lucra, como sempre.

O marido, o Duque, é um comparsa pouco menos que indifferente.

Porventura conviera a Rei casal o com a Condessa; descasa-o a conveniencia do Rei.

Pôde entender-se que Eudo III não ficasse inteiramente satisfeito.

Readquiriu provavelmente o reles dote que dera á mulher e de que só conhecemos vagamente que fôra importante parcella Semur-en-Auxois, onde pela primeira vez encontramos casados os dois.

Mas a dedicação reslenga deveria sentir-se um pouco da perda do senhorio e da riqueza da Condessa, talvez até do malogro inesperado, rude, da sonhada ampliação do proprio senhorio.

Antes de dois annos, na paz com o Sire de Vergy, seu rebelde feudatario protegido do Rei, promettem-lhe para breve uma nova

EXPOSIÇÃO DE S. LUIZ

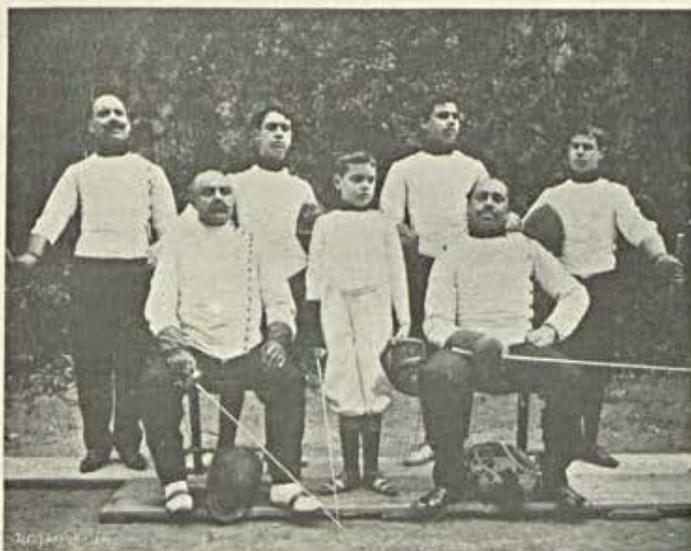


Diploma — medalha de prata

«Fac-simile» do diploma enviado ao «Brasil-Portugal» acompanhando uma medalha de prata, que por signal é de bronze. A folha deita luminarias, faz uma reverencia ao jury internacional que lhe conferiu a mercê, e divide a dita mercê com a «Editora», que n'estes oito annos de vida lhe tem dado o melhor da sua arte e boa vontade na facturã dos 192 numeros lançados no mercado litterario.

Assalto de esgrima

No Grande Club de Lisboa em 30-12-908



Sentados: mestres de esgrima Luigi Merlini e Sousa Magalhães. Em pé: Augusto de Vasconcellos — dr. Satorio Paiva — Julião Senna — Alvaro Leitão e José da Costa Vasconcellos.

mulher, a futura Duquesa Alix ou ou Adalina de Vergy. Lançado, porém, na guerra contra os ingleses, quando Ricardo, o *Coração de Leão*, chega a Dijon, em maio de 1198, a idéa de se bandejar para elle parece ter atravessado a grossa cabeça do Duque.

Seria uma revindicta, a traição?

Mas Philippe Augusto chama-o a Vincennes; acaricia-o; obriga-o a jurar solemnemente que nunca fará alliança com o inglez, que não irá á cõrte d'elle, e que não casará de novo sem o consentimento do Suzerano.

E concede-lhe, afinal, que despose a menina de Vergy.

LUCIANO CORDEIRO.

O conego ou metaphysica do estylo

Vem do Libano, esposa minha, vem do Libano, vem... As mandrágoras deram o seu cheiro. Temos ás nossas portas toda a casta de pomos.

*— Eu vos conjuro, filhas de Jerusalém, que, se encontrardes o meu amado, lhe façaes saber que estou enferma de amor...

Era assim, com essa melodia do velho drama de Judá, que procuravam um ao outro na cabeça do conego Mathias um substantivo e um adjectivo... Não me interrompas, leitor precipitado; sei que não acreditas em nada do que vou dizer. Dil-o-ei, contudo, a despeito da tua pouca fé, porque o dia da conversão publica ha de chegar.

N'esse dia, — cuida que por volta 2222, — o paradoxo despirá as azas para vestir a japona de uma verdade commum. Então esta pagina merecerá, mais que favor, apothese. Hão de traduzil a em todas as linguas. As academias e institutos farão d'ella um pequeno livro, para uso dos seculos, papel de bronze, cõrte-dourado, letras de opala embutidas, e capa de prata fosca. Os governos decretarão que ella seja ensinada nos gymnasios e lyceus. As philosophias queimarão todas as idéas anteriores, ainda as mais definitivas, e abraçarão esta psychologia nova, unica verdadeira, e tudo estará acabado. Até lá, passarei por absurdo, como se vae vêr.

Mathias, conego honorario e prégador effectivo, estava compondo um sermão, quando começou o idylio psychico. Tem quarenta annos de idade, e vive entre livros e livros, para os lados da Gambõa. Vieram encomendar-lhe o sermão para certa festa proxima; elle, que se regalava então com uma grande obra espirital vinda no ultimo paquete, recusou o encargo; mas instaram tanto, que acceitou.

— Vossa Reverendissima faz isso brincando, disse o principal dos festeiros.

Mathias sorriu manso e discreto, como devem sorrir os ecclesiasticos e os diplomatas.

— Podia fazel-o brincando, é certo, disse elle; podia até não es-

crever nada. Ia para lá com um punhado de phrases de sachristia, e idéas e imagens das que andam já pelo adro, onde as recolhem os devotos antes da missa, e atrava-as do pulpito abaixo. Ellas organisavam-se por si mesmas, tão acostumadas estão a andar juntas. De quando em quando, feito andor, soitava o texto latino: e no fim, á maneira de pallio e sacramento, a peroração do costume. Que effeito, meu senhor! E sabe o que isso era? Era a procissão da milagrosa Santa Vulgaridade.

O principal dos festeiros curvou-se respeitoso, ao ouvir o nome de uma santa que elle não conhecia; e o conego, que o percebeu, teve vontade de agarral-o pela commenda e deital o á rua: mas conteve-se, e tornou a sorrir discreto e manso. Os festeiros despediram-se com grandes gestos de veneração, e foram annunciar a festa, nos jornaes, com a declaração de que prégava ao Evangelho o conego Mathias "um dos ornamentos do clero brasileiro". Este "ornamento do clero", tirou ao conego a vontade de almoçar, quando elle o leu agora de manhã; e só por estar ajustado, é que se meteu a escrever o sermão.

Começou de má vontade, mas no fim de alguns minutos já trabalhava com amor. A inspiração, com os olhos no céu, e a meditação, com os olhos no chão, ficam a um e a outro lado do espaldar da cadeira, dizendo ao ouvido do conego mil cousas mysticas e graves. Mathias vae escrevendo, ora devagar, ora depressa. As tiras saem-lhe das mãos animadas e polidas. Algumas trazem poucas emendas ou nenhuma; outras dão idéa de um papel de musica, tal é a multidão de riscos, de entrelinhas, de chamadas, como um manuscripto de Chateaubriand; elle, porém, copia-as e recopia-as, com a paciencia de Pascal. Outras vezes, á maneira de Flaubert, interrompe se para recitar a phrase e ouvir-lhe a toada. Curva se depois, e a penna obedece escorregando. Agora, porém, indo escrever um adjectivo, suspende se; escreve outro e risca-o; mais outro, que não tem melhor fortuna. Aqui é o centro do idylio. Subamos á cabeça do conego.

— Upa! Cá estamos. Custou-lhe, não, leitor amigo? E' para que não acredite nas pessoas que vão ao Corcovado, e dizem que ali a impressão da altura é tal, que o homem fica sendo cousa nenhuma. Opinião panica e falsa, — falsa como Judas e outros diamantes. Não creias tu n'isso, leitor amado. Nem Corcovados, nem Himalayas valem muita cousa ao pé da tua cabeça, que os mede. Não creias que todas as enormes constellações que por ahí brilham innumeravelmente, a não sei quantos trilhões de leguas de distancia, cheguem jámais ao calcanhar de *Othelo*; nem que Saturno com todos os aneis que lhe possa dar o divino ourives, tenha nunca o preço de um painel ou de uma sonata. Mais alto que montanhas e estrellas é a tua cabeça: vae com isto e deixa falar os do Corcovado.

Cá estamos. Vejam bem que é a cabeça do conego. Temos á es-

Dr. Constantino Nery



Actual governador do Estado do Amazonas e irmão do dr. Silverio Nery, seu antecessor no mesmo alto cargo. Dotado de rara energia, o dr. Constantino Nery é justamente considerado e querido pelo seu saber, ponderação, intelligencia e provada competencia no espinhoso logar que lhe confiaram. E' um dos muitos homens de valor do norte do Brasil.

colha um ou outro dos hemisferios cerebraes; mas vamos por este, que é onde nascem os substantivos. Os adjectivos nascem da esquerda. Descuberta minha, que ainda assim não é a principal, mas a base d'ella, como se vae ver. Sim, meu senhor, os adjectivos nascem de um lado, e os substantivos de outro, e toda a sorte de vocabulos está assim dividida por motivo da differença sexual...

— Sexual?

— Sim, minha senhora, sexual. As palavras tem sexo. Estou acabando a minha grande memoria psycho-lexico-logica, em que exponho e demonstro esta descoberta. Palavra tem sexo.

— Mas então, amam-se umas ás outras?

Amam-se umas ás outras. E casam-se. O casamento d'ellas é o que chamamos estylo. Senhora minha, confesse que não entendeu nada.

— Confesso que não.

Pois entre aqui tambem na cabeça do conego. Estão justamente a suspirar d'este lado. Sabe quem é que suspira? é o substantivo de ha pouco, o tal que o conego escreveu no papel, quando suspendeu a penna. Chama por certo adjectivo, que lhe não apparece: "Vem do Libano, vem...". E fala assim por estar em cabeça de padre; se fosse de outra qualquer pessoa do seculo, a linguagem seria a de Romeu: "Julietta é o sol... ergue-te, lindo sol!". Mas em cerebro ecclesiastico, a linguagem é a das Escripturas. Ao cabo, que importam formulas? Namorados de Verona ou de Judá, falam todos o mesmo idioma, como acontece com o thaler ou o dollar, o florim ou a libra, que é tudo o mesmo dinheiro.

Portanto, vamos lá por essas circumvoluções do cerebro ecclesiastico, atraz do substantivo que procura o adjectivo. Sylvio chama por Sylvia. Escutae; ao longe parece que suspira tambem alguma pessoa; é Sylvia que chama por Sylvio.

Ouvem-se agora e procuram-se. Caminho difficil e intrincado que é este de um cerebro tão cheio de cousas velhas e novas! Ha aqui um borborinho de idéas, que mal deixa ouvir os chamados de ambos; não percamos de vista o ardente Sylvio, que lá vae, que desce e sobe, escorrega e salta; aqui, para não cair, agarra-se a umas raizes latinas, ali aborda-se a um psalmo, acolá monta n'um pensamento, e vae sempre andando, levado de uma força intima, a que não pode resistir.

De quando em quando, apparece lhe alguma dama, — adjectivo tambem — e offerece-lhe as suas graças antigas ou novas; mas, por Deus! não é a mesma, não é a tunica, a destinada *ab eterno* para este consorcio. E Sylvio vae andando, á procura da unica. Passae, olhos de toda a côr, fórmas de toda a casta, cabellos cortados á cabeça do Sol ou da Noite; morrei sem echo, meigas cantilenas suspiradas no eterno violino; Sylvio não pede um amor qualquer, adventicio ou anonymo; pede um certo amor nomeado e predestinado.

Agora não te assustes, leitor, não é nada; é o conego que se levanta, vae á janella, e encosta se a espaiar do esforço. Lá olha, lá esquece o sermão e o resto. O papagaio, em cima do poleiro, ao pé da janella, repete-lhe as polavras do costume; e, no terreiro, o pavão empina-se todo ao sol da manhã; o proprio sol, reconhecendo o conego, manda lhe um dos seus fleis raios, a cumprimental-o. E o raio vem, e pára deante da janella: "Conego illustre, aqui venho trazer os recados do sol, meu senhor e pae". Toda a natureza parece assim bater palmas ao regresso d'aquelle galé do espirito. Elle proprio alegre-se, entorna os olhos por esse ar puro, deixa-os ir fartarem-se de verdura e fresquidão, ao som de um passarinho e de um piano; depois fala ao papagaio, chama o jardineiro, assoa-se, esfrega as mãos, encosta-se. Não lhe lembra mais nem Sylvio nem Sylvia.

Mas o Sylvio e Sylvia é que se lembram de si. Emquanto o conego cuida em cousas estranhas, elles proseguem em busca um do outro, sem que elle saiba nem suspeite nada. Agora, porém, o caminho é escuro. Passamos da consciencia para a inconsciencia, onde se faz a elaboração confusa das idéas, onde as reminiscencias dormem ou cochilam. Aqui pullula a vida sem fórmas, os germens e os detritos, os rudimentos e os sedimentos; é o desvão immenso do espirito. Aqui caíram elles á procura um do outro, chamando e suspirando. Dê me a leitora a mão, agarre-se o leitor a mim, e es-correguemos tambem.

Vasto mundo incognito. Sylvio e Sylvia rompem por entre embryões e ruinas. Grupos de idéas, deduzindo-se á maneira de syllogismos, perdem-se no tumulto de muitas reminiscencias da infancia e do seminario. Outras idéas, gravidas de idéas, arrastam-se pesadamente, amparadas por outras idéas virgens. Cousas e homens amalgamam-se; Platão traz os oculos de um escrivão da camara ecclesiastica; mandarins de todas as classes distribuem moedas etruscas e chilenas, livros inglezes e rosas pallidas; tão pallidas, que não parecem as mesmas que a mãe do conego plantou quando elle era creança. Memorias pias e familiares cruzam se e confundem-se. Cá estão as vozes remotas da primeira missa; cá estão as cantigas da roça que elle ouvia cantar ás pretas, em casa; farrapos de sensações esvaidas, aqui um medo, ali um gosto, acolá um fastio; cousas que viera'n cada uma por sua vez, e que ora jazem na grande unidade impalpavel e obscura.

— Vem do Libano, esposa minha...

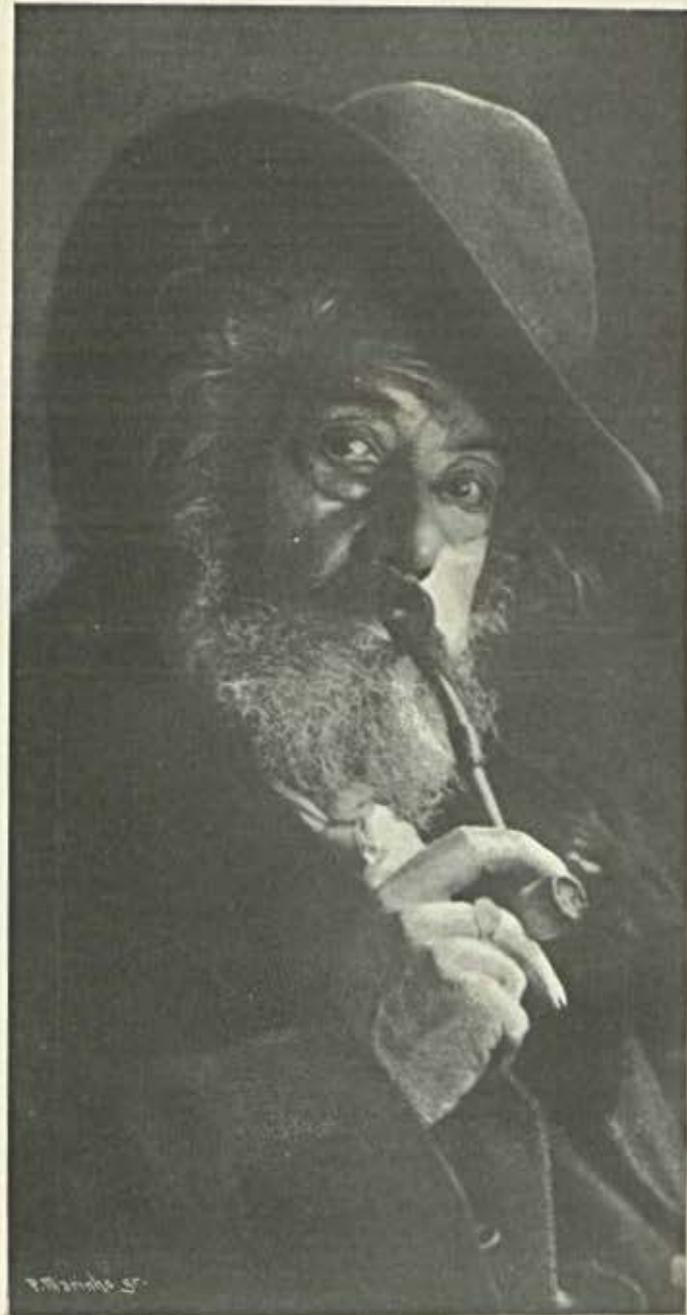
— Eu vos conjuro, filhas de Jerusalém...

Ouvem-se cada vez mais perto. Eis ahí chegam elles ás profundas canadas de theologia, de philosophia, de lithurgia, de geographia e de historia, lições antigas, noções modernas, tudo á mistura, dogma e syntaxe, fuste e ethica. Aqui passou a mão pantheista de Spinoza, ás escondidas; ali ficou a unhada do Doutor angelico; mas nada d'isto é Sylvio nem Sylvia. E elles vão rasgando, levados de uma força intima, afinidade secreta, atravez de todos os obstaculos e por cima de todos os abysmos. Tambem os desgostos hão de vir. Pezares sombrios, que não ficaram no coração do conego, cá

estão em idéa, á laia de manchas Moraes, e ao pé d'elles o reflexo amarello ou roxo, ou o que quer que seja da dôr alheia e universal. Tudo isso vão elles cortando, com a rapidez do amor e do desejo.

Cambaleias, leitor? Não é o mundo que desaba; é o conego que se sentou agora mesmo. Espaiareceu á vontade tornou á mesa do trabalho, e relê o que escreveu, para continuar; pega da penna, molha-a, desce-a ao papel, a vêr que adjectivo ha de annexar ao substantivo.

Justamente agora é que os dois cubiçosos estão mais perto um do outro. As vozes crescem, o enthusiasmo cresce, todo o *Cantico* passa pelos labios d'elles, tocados de febre. Idéas alegres, anedotas de sacristia, caricaturas, facecias, disparates, aspectos estur-



Cabeça de estudo

dios, nada os retém, menos ainda os faz sorrir. Vão, vão, o espaço estreita-se. Ficae ahí, perfis meio apagados de paspalhões que fizeram rir o conego, e que elle inteiramente esqueceu; ficae, rugas extinctas, velhas charadas, regras de voltarete e vós tambem, cellululas de idéas novas, debuxos de concepções, pó que tens de ser pyramide, ficae, abalroae, esperae, desesperaee, que elles não tem nada comvosco.

Amam-se e procuram se.

Procuram se e acham-se. Emfim, Sylvio achou Sylvia. Viram-se, caíram nos braços um do outro, offegantes de canceira, mas remidos com a paga. Unem-se, entrelaçam os braços, e regressam palpitando da inconsciencia para a consciencia. "Quem é esta que sobe do deserto, firmada sobre o seu amado?", pergunta Sylvio, como no *Cantico*; e ella com a mesma labia erudita, responde-lhe que "é o sello do seu coração", e que "o amor é tão valente com a propria morte."

N'isto o conego estremece. O rosto illumina-se-lhe. A penna,

cheia de commoção e respeito, completa o substantivo com o adjectivo. Sylvia caminhará agora ao pé de Sylvio, no sermão que o conego vae prégar um dia d'estes, e irão juntinhos ao prelo, se elle colligir os seus escriptos, o que não se sabe.

MACHADO DE ASSIS.

Antes sapateiro!...

Vendo o Seixas que o Carlinhos, o seu unico filho varão, ia-se tornando taludote, já bastante adeantado nos primeiros estudos, entrou a pensar maduramente no seu futuro, qual a carreira a que devia destinal-o, que profissão mais lhe conviria.

Seixas era empregado na secretaria da guerra; um dos mais antigos e mais estimados auxiliares d'aquella repartição.

Quarentão, a beirar o meio seculo, e pobre, difficilmente aguentava a carga de familia que faziam a mulher e os oito filhos, dos quaes só um não era adorno do sexo impropriamente chamado fragil.

Ora o bom do Seixas avisadamente entendia que era mister educar o Carlinhos a primor, de maneira que elle pudesse futuramente ser o arrimo e o protector da mãe e mais das irmãs, que ainda se conservassem solteiras.

Fôra sempre economico. Diziam-n'o avaro. Mentira. Economico é que era, mas economia sem sordidez nem privações do indispensavel.

D'essa qualidade e dos bicos que fazia a D. Jacintho, sua honrada esposa, com a quitanda de balas de flores, advieram ao casal algumas centenas de dez tostões, amorosamente depositados na Caixa Economica.

Esse fundo, destinava-o secretamente o Seixas á educação do seu rapaz.

Não era, portanto, a falta de meios o que verdadeiramente preoccupava o zeloso pae quanto a esse ponto. Mas sim — que carreira

mais conviria ao pequeno? Para que profissão preparal-o? Advogado? engenheiro? medico? magistrado? professor?

Era essa — *the question*.

Nada sabia; boiava em pleno mar de incertezas. De uma só cousa estava, contudo, previamente convicto; em um só ponto firmára inabalavel resolução: — o pequeno poderia ser tudo, tudo, tudo! menos empregado publico. Lá isso é que nunca! Nunca! Emprego publico? Pois não! Antes tivesse de vel-o — n'uma tripeça, a bater sóla!

Urgia decidir, pois o Carlinhos crescia a «olhos vistos.»

— Vem d'ahi, rapaz, vamos consultar teu padrinho, disse-lhe um dia o pae.

E foram ao escriptorio do conselheiro Caruncho, deputado chronico por uma provincia do Norte, que nunca havia tido a honra de vel-o mais gordo, nem mais magro; verdade seja.

Exposto o fim da visita, o conselheiro estourou.

— Faça d'elle o que quizer, compadre; menos politico! Maldita a hora em que me metti n'esta borracheira! Ha quasi trinta annos que sirvo aqui de creado d'aquelles matutos! Estou farto, compadre! Nem você imagina que vida é a minha. Nem quasi tenho tempo de falar com a velha e de ver os pequenos. Pois se eu o mais que passo em casa são duas horas por dia! Quando está aberta a camara, só estou em casa á noite, e isso mesmo — em parte, porque quando ha reuniões de partido e palanfrorios eleitoraes só vou p'ra casa ás onze e mais tarde. Um inferno, compadre, um inferno! Nada de politica, rapaz! Antes um bom emprego publico. E' muito mais tranquillo e tendo-se juizinho é cousa segura.

— Isso é que nunca, sr. compadre! Antes sapateiro! exclamou o Seixas, revoltado, saindo.

Na rua encontrou o seu amigo, o dr. Semicupio, um medico de fama. Agatanhou-o, pediu-lhe parecer.

— Não sei, meu caro, não sei; regougou o Esculapio, limpando o suor com a dextra e com a sinistra desembolsando o relógio, impaciente. Faça d'elle o que quizer. Tudo é bom, menos medico. Isto não é vida! Uma canceira infernal, de manhã até á noite! Não tenho tempo para descansar, nem licença para adoecer. Sou escravo das bronchites, propriedade das pneumonias, humilde creado da febre amarella, da febre perniciosa, da algida, da typhica, da intermittente, de quanta febre ha por este mundo. Sufa! Passa fóra! Adeus! Tenho que ir furar um leicença! Olhe, faça o pequeno empregado publico. Ao menos não terá que fazer.



NA SUECIA. — Bolas de neve

— Isso é que nunca, doutor! Antes o veja n'uma tripeça, a coser botas!

E o pobre Seixas partiu, desanimado, offegante, arrastando o Carlinhos, que começava a aborrecer-se notavelmente.

— Oh! Sr. Veiga!

— Oh! Sr. Seixas!

O Veiga — era e é — um acreditado boticario. Ora o Seixas sempre ouvira dizer que não ha negocio tão da China como uma botica; que com um limoeiro, um poço e uma arroba de assucar não ha quem não tenha enriquecido.

Consultou o Veiga, dizendo-lhe isso mesmo, e mais que não ha noticia de haver fallido um mêsinho.

Mas o Veiga saltou furioso:

— E' com o que nos dão! Venham para cá e hão de ver o bonito. E as *fitas*? os *fiados*? e as amolações? Onde é que o sr. viu boticario, já não digo rico, mas *arranjado*? Se não quebramos é porque o negocio das cataplasmas não dá nem para isso. Ponha o rapaz em uma secretaria. O Sr. não está tão bem! Apostar em como tem o seu prediosinho em Botafogo...

— Eu!... Ora... ora... Só esta me faltava! resmungou o Seixas, pallido, desapontado... E accrescentou, abalando:

— Adeus, senhor Veiga. N'uma secretaria?! Empregado publico?! Nunca, senhor! Antes sapateiro, remendando botas velhas...

Não sei se o pobre Seixas continuou a consultar os amigos e os conhecidos ácerca da melhor profissão a que deveria destinar o seu pequeno.

Se continuou, coitado! posso jurar que ainda o não destinou a nenhuma.

Vá o Seixas ouvir a opinião de Sua Magestade, e se o monarcha lhe aconselhar que faça do pequeno imperador (embora do *Divino*) eu lhe darei um doce.

— E se elle fôr consultal-o, a Você — perguntar-me-ha o leitor — que lhe dirá?

— Eu direi ao Seixas, amigo leitor, que faça do seu Carlinhos o que lhe parecer, — menos jornalista, nem litterato.

Letras — só de banco! Antes sapateiro!

O que nos vale, a todos nós, é não podermos exercer a profissão... dos outros.

VALENTIM MAGALHÃES.

NOIVA

Noiva! noiva! — Canta abril
N'este nome cristalino!
Foi Deus, sorrindo ao amor,
Esse ideal peregrino,
Que n'um luminoso traço,
Um dia escreveu tal nome
No retinto azul do espaço!

Bulhão Pato.

Relicario feminino

Dizem que está imminente uma reforma no viver da mulher e que todos os precitos que tem servido de norma á sua existencia n'estes dezoito seculos mais chegados estão a desabar no escuro limbo das cousas gastas, esquecidas e inuteis.

Uma vida nova, cujo feitto ainda ninguem até hoje logrou saber ao certo qual seja, espera por detraz da cortina que envolve os ultimos annos d'este seculo e dará pelos modos ás nossas netas uma existencia inteiramente diversa da nossa, refundida em moldes sabios, perfectos, de uma originalidade completa.

D'este naufragio em que, segundo as profecias de pessoas entendidas na materia, va afundar-se a mulher do passado, seria util salvar algumas reliquias, colligindo quantas memorias essa entidade, condemnada a uma radical destruição, deixa impressas nos annos do bem, que foram em todos os tempos os seus fastos predilectos.

Seria bello um livro que sem beber exclusivamente as suas inspirações no agiologio, cujo precioso subsidio deveria ainda assim aproveitar com escrupulo, contivesse quanto registra a historia a respeito de santas ou de simples mulheres de bem, que deixaram o seu nome indelevelmente inscripto n'uma tradição piedosa, justa e agradecida.

Quem sabe? Talvez que as mulheres do futuro, depois de terem experimentado por longos annos e bons, que Deus afaste entretanto dos da nossa existencia, a sua nova vida de independencia e de emancipação; depois de terem tentado todas as carreiras, a militar, a medica, a forense, a politica, achando afinal um dia em qualquer bibliotheca esquecida o humilde relicario feminino, todo rescendendo ás virtudes da mulher do passado, julgassem que valia a pena mudar outra vez e tornar a ser simplesmente mulheres, como as que nos precederam e as que, mercê de Deus, ainda vivem no nosso tempo.

Theatros

Gymnasio, O Papa leguas. — Avenida, Fvas contadas. — Principe Real, Os alemtejanos. — D. Maria. — D. Amella. — Trindade. — Rua dos Condes. — Colyseu. — Grande Gasino de Paris. — Animatographos. — Salão da Trindade.

Um original e dois *arreglos* são as novidades theatraes da quinzena. O original é a Revista do sr. Camara Lima; *Fvas contadas*, os *arreglos* são um drama de situações violentas e uma comedia-farça.

A esta, que vae no *Gymnasio* deu o arreglador, o sr. Freitas Branco, o titulo feliz, euphonico, bem portuguez: *O Papa leguas*. E justo é dizer que não vemos ha muito em theatro de Lisboa uma comedia tão desopilante, tão cheia de espirito, tão rica de situações comicas. O escriptor que d'ella tomou conta parece ter porfiado em demonstrar que os allemães não são tal semsaborõs como muita gente crê, e que quando lhes dá para ter graça levam de vencida os proprios parisienses.

Bem sabemos que nas peças estrangeiras de que o sr. Freitas Branco se encarrega é impossivel estabelecer a divisoria entre elle e o auctor. Elle altera, corta, accrescenta, remodela, e mais de uma vez tem conseguido fazer de uma obra que não presta, insõssa, sorna, um trabalho theatral apreciavel e applaudido. Não conhecemos em allemão *O Papa leguas*, mas não se nos dava apostar que o

Onde canta o rouxinol



“É esta a moeda com que el-rei de Portugal paga os tributos aos seus vassallos..”

É esta a moeda com que el-rei paga os tributos aos seus drama-turgos.

traductor invadiu os dominios do original e que muitas coisas boas, optimas, que desfilam por toda a peça, as poz elle de sua casa.

O que é certo é que toda ella é engraçadissima e que, d'essas tres actos, nenhum vale menos que o outro, porque são todos cheios de interesse, cortados de ditos felizes, recheiados de situações e scenas de um comico irresistivel.

Aquella ideia inicial da farça-comedia de arranjar uma sogra que não quer dar a filha a casar sem que o noivo garanta que é fecundo é um achado, um verdadeiro achado. Em torno d'elle desdobra-se toda a acção e difficil é imaginal-a mais interessante, mais viva, mais original e mais graciosa.

Telmo fez bem em escolher para a sua festa esta peça, que

agradou em toda a linha e que por longo tempo, estamos certos d'isso, conservará o nome no cartaz. O papel que elle escolheu para si de actor dramático, romântico e ferrabraz, parece ter sido feito para pôr em evidencia os recursos de um artista como Telmo, que triumphou nos mais variados e até oppostos generos theatraes, e que n'este comico personagem foi mais um a provar que até um coração enlutado, a desfazer-se em lagrimas por dôres tão recentes, tem de submeter-se ao imperio da arte, e dominar deante de um publico, exigente ou indifferente, as suas mais dolorosas pulsações, esmagar o soffrimento proprio, enganar a sensibilidade ferida e arrancar gargalhadas áquelles que a ellas são mais refractarios.

Telmo fez primorosamente esse papel de actor terrível, comico e ciumento.

A Cardozo e a Barbara couberam os papeis mais importantes



Camara Lima

[Auctor da Revista «Favas contadas»

de *O Papa leguas*, e o que fizeram em toda a comedia essa sogra feroz e esse marido varunca é de tal sorte desopilante, provoca o riso a tal ponto que *O Papa leguas* deixa de ser uma comedia em tres actos para ser antes uma fabrica de gargalhadas.

Outros artistas se distinguem no desempenho, devendo entre esses citar-se Albuquerque que deu um largo passo na sua carreira e Juliana e Judith e Monteiro e Rodrigues, que todos tiveram direito aos applausos com que publico coroou o trabalho d'elles,

o do traductor, e sobretudo a escolha feliz da peça que, como no principio dizemos, é das mais engraçadas que em theatro portuguez se tem representado.

Esperada com geral anciedade a Revista do sr. Camara Lima *Favas contadas* foi ella á scena no theatro **Avenida** na noite de 12.

Este escriptor, já bem conhecido do publico dos theatros, é antigo collaborador effectivo do *Brasil-Portugal* e esta circumstancia tohe nos o prazer de dizer aqui, do seu merito, do seu espirito vivaz, quanto desejaríamos, quanto diríamos, se não receassemos que fosse levado á conta de parcialidade ou lisonja o juizo que d'elle fazemos.

Somos por isso forçados a falar apenas da peça que, dada a fiscalisação policial em materia de revistas, é felicissima pela escolha dos assumptos, pela graciosidade dos quadros, pela subtileza das referencias politicas, pelo bem applicado das carapuças, pela abundancia dos episodios de effeito. O primeiro acto, superior aos dois, é de mestre, o que não quer dizer que deixe de se espalhar por todos a *erve* poderosa do auctor, o qual foi buscar ao anno extincto o que elle produziu de mais interessante para a sociedade portugueza e que Camara Lima soube admiravelmente temperar com sal e até por vezes com pimenta. A scena que hoje damos das *Favas contadas* foi fielmente reproduzida pela objectiva do nosso collaborador photographico.

Salientam-se no desempenho José Ricardo, artista unico no seu genero, e a Loppiccolo, que n'uma infinidade de papeis é sempre a atriz primorosa cheia de encanto e de malicia sabendo como ninguém sublinhar o sorriso e a phrase.

Accacio Reis, Gloria Mendes Gomes, Salvador Santos Mello, e todos os outros artistas do theatro deram um excellento desempenho ás *Favas contadas*, que estão ensaiadas a primor, e postas com luxo, gosto e arte.

Os alentejanos é uma adaptação do drama hespanhol *Maria del Carmen*, de Felix y Codina.

Para estes trabalhos litterario-theatraes tem competencia reconhecida o sr. João Soller, que mais uma vez, vendo como no theatro popular do **Principe Real** foi acolhida a sua peça, reconheceu que o publico afinal é sempre justo, porque premeia o valor e o trabalho.

Os alentejanos é uma peça que vale a pena ver, peça de costumes e de typos, de um genero que andava com injustiça ha muito arredado dos nossos palcos.

Tem uma acção interessante, situações violentas, mas logicas, e todos os artistas procuraram, tanto na caracterisação como na linguagem, reproduzir com verdade o typo alentejano.

Gil, que escolheu a peça para a noite da sua festa tem n'ella um dos melhores papeis da sua galeria, Lucinda do Carmo, Ernesto Valle, Vieira, Palmyra Torres, Maria das Dores, Pinto de Campos e alguns artistas mais, constituiram um *ensemble* magnifico dos *Alentejanos*, ouvidos por todos o publico com excepçõs agradadas.

Não ha novidades pelos outros theatros.

De todas as peças que n'elles se representam já nos occupámos n'este logar.

O *Affonso d'Albuquerque* em **D. Maria**, no **D. Amélia** as *Viagens de Guiltser*, na **Trindade** *As tangerinas magicas*, *Entre as mulheres na Rua dos Condes*, *O Colyseu* com as suas ultimas novidades sensacionais, o grande **Casino de Paris** com os seus numeros de *Folies bergères*, os **Anima'ographos** que são hoje o attractivo mais barato, eis os espectaculos que Lisboa offerece ao publico todas as noites, addicionados ainda com os bailes de mascaras todos os domingos no **Sa'ao da Tr'ncade**.

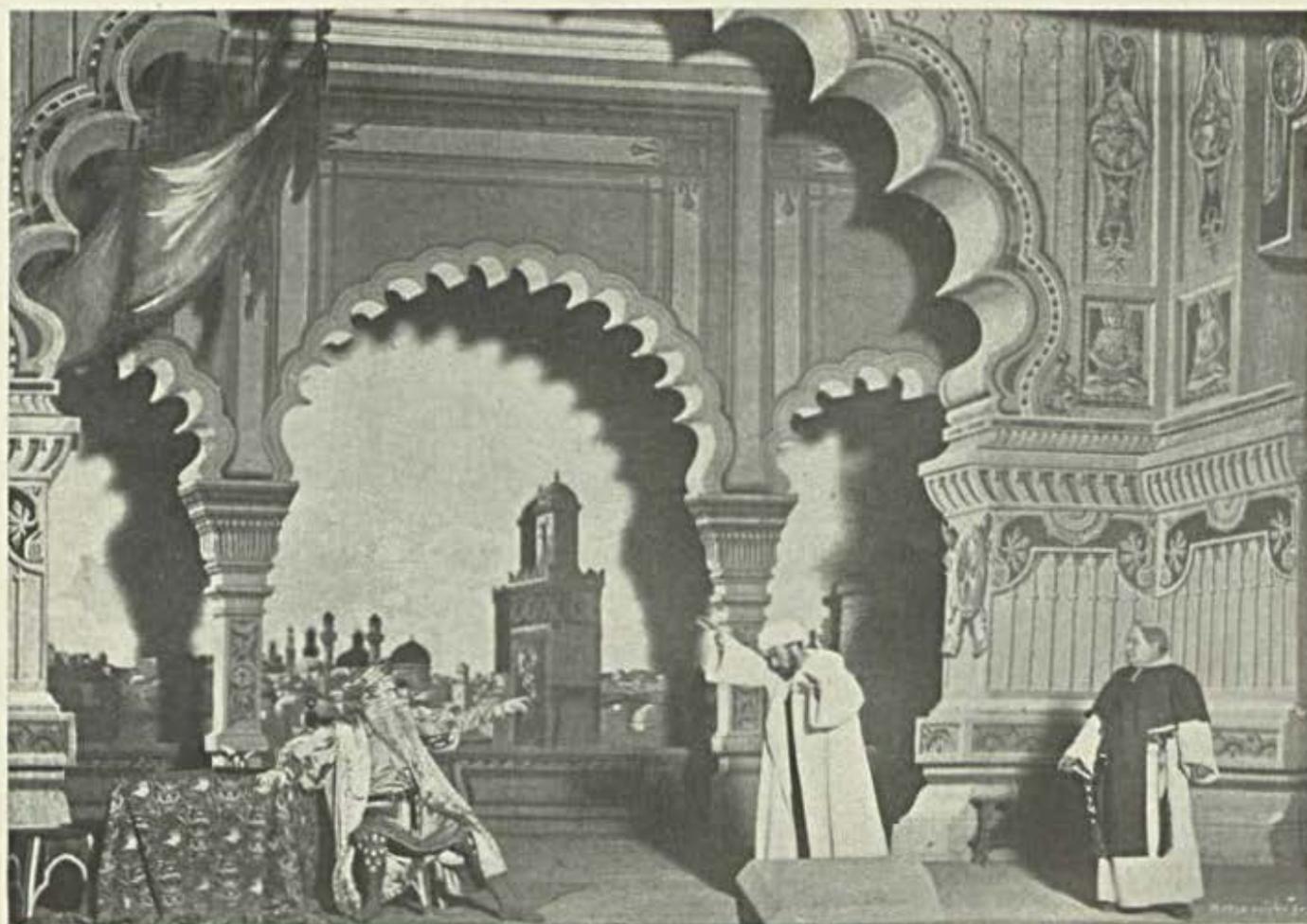


Lopes de Mendonça

Auctor do «*Affonso de Albuquerque*»



2.º acto



3.º acto

"Affonso de Albuquerque,,



4.º acto

"Favas contadas,,
Revista de Camara Lima

